



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA-UNIPAMPA

CAMPUS BAGÉ

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- HABILITAÇÃO  
PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CRISTIANO FERREIRA SILVEIRA**

**A LUSOFONIA EM LUANDA BEIRA BAHIA**

**Reflexos da História de Portugal e suas colônias na obra de Adonias  
Filho.**

BAGÉ- RS

2014

**CRISTIANO FERREIRA SILVEIRA**

**A LUSOFONIA EM LUANDA BEIRA BAHIA**

**Reflexos da História de Portugal e suas colônias na obra de  
Adonias Filho.**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras- Habilitação Português e Literaturas de Língua portuguesa, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Corrêa

BAGÉ- RS

2014

**CRISTIANO FERREIRA SILVEIRA**

**A LUSOFONIA EM LUANDA BEIRA BAHIA**

**Reflexos da História de Portugal e suas colônias na obra de  
Adonias Filho.**

Trabalho apresentado ao Curso de  
Letras- Habilitação Língua Portuguesa  
e Literaturas de Língua portuguesa,  
como requisito para obtenção do grau  
de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria  
Britto Corrêa

Trabalho defendido e aprovado no dia 27 de agosto de 2014.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Correia

Orientadora- CPF 404502100-06

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm

CPF 387012270-68

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Zila Letícia Goulart Pereira Rego

CPF 518869440-91

Dedico esse trabalho de conclusão de curso aos meus pais, minha irmã, minha sobrinha, e a todos que me apoiaram...

Dedico a minha melhor amiga LisianeInchauspe de Oliveira pela amizade e por todo apoio neste momento tão importante.

Muito obrigado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a Deus pela oportunidade de ter traçado esse caminho.

Agradeço à minha família por acreditar nos meus sonhos e me apoiar incondicionalmente.

À minha orientadora professora Lúcia pelo apoio, pelas orientações seguras, pelo exemplo e pelo carinho dedicado a mim nestes últimos meses.

Às demais professoras que passaram por mim ao longo do curso.

Agradeço à minha melhor amiga Lisiane e também a todas as pessoas que conheci nesta jornada dentro da UNIPAMPA, e que hoje eu posso chamar de amigas: em especial a Cristiane Gomes Lopes, Dianifer Machado, Taiana Rodrigues, Ana Kátia Reis, Beatriz Moreles, Helgair Aguirre e Mariela Marin.

Sem vocês eu não teria conseguido chegar até aqui.

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa a promover uma analogia entre o romance *Luanda Beira Bahia*, do brasileiro Adonias Filho, e a história de Portugal e dos países emergentes- aqueles que foram colônias portuguesas, mas tornaram-se independentes- amparando-se nos conceitos de Lusofonia. A história de Portugal como um país de grandes conquistas e conquistadores, a herança espalhada e preservada através dos oceanos, bem como o histórico do rompimento sangrento com muitas de suas colônias, são fatores facilmente perceptíveis nessa obra. É também nesses fatores que se sustenta a ideia da Lusofonia: a manutenção de um vasto território não geográfico, unido pelas heranças cultural e linguística, a ser valorizado e cultivado pelos países antes colônias. O trabalho é organizado em dois grandes capítulos, sendo o primeiro um apanhado histórico de Portugal durante o período das Grandes Navegações, passando pelo período da ditadura salazarista e as batalhas pela independência nas colônias, até um breve relato sobre o momento atual de Portugal, que busca um retorno ao modo de ser e viver europeu, mas não deixa de lado seu caráter de colonizador, e o segundo, apresenta uma análise dos trechos da obra sob a luz da Lusofonia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Analogia. Portugal. Países emergentes. Luanda Beira Bahia. Lusofonia.

## RESÚMEN

El presente trabajo de conclusión de curso intenta a promover una analogía entre la novela *Luanda Beira Bahia*, del brasileño Adonías Filho, y la historia de Portugal y los países emergentes- los que antes eran colonias portuguesas, pero se convirtieron en independientes- amparándose en conceptos de Lusofonia. La historia de Portugal como un país de grandes conquistadores y conquistas, La herencia conservada y difundida a través de los océanos, así como la historia de La sangrienta ruptura con muchas de sus colonias, son fácilmente discernibles en esta obra. Son estos factores los que también apoyan a La idea de Lusofonia: El mantenimiento de un vasto territorio no geográfico, unido por El patrimonio cultural y lingüístico, para ser apreciados y cultivados por los países antes colonias. El trabajo se organiza en dos secciones principales, La primera es una visión histórica de Portugal durante el período de las Grandes Navegaciones, a través del período de La dictadura de Salazar y las batallas por La independencia em las colonias, hasta un breve informe sobre La situación actual de Portugal, que busca un retorno a la forma de vivir y de ser europea, pero sin dejar de lado su carácter colonizador; y el segundo presenta un análisis de los extractos de la obra bajo la luz de la Lusofonia.

**PALABRAS CLAVE:** Analogía. Portugal. Países emergentes. Luanda Beira Bahía. Lusofonia.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1. As Grandes Navegações Portuguesas</b> .....	11
1.1. A descoberta e colonização do Brasil.....	14
1.1.1. A independência do Brasil.....	16
1.2. A ditadura militar e o Estado Novo em Portugal .....	17
1.2.1. 1974, ano I da descolonização.....	19
1.3. Portugal hoje. ....	20
1.4. O lusotropicalismo .....	21
<b>2. A Lusofonia em <i>Luanda Beira Bahia</i></b> .....	22
2.1. Biografia de Adonias Filho.....	38
<b>3. Considerações finais</b> .....	39
<b>Referências bibliográficas</b> .....	41

## Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso com o tema “Lusofonia em *Luanda Beira Bahia*”, é composto de dois grandes capítulos: O primeiro apresenta um relato sobre a história de Portugal, país europeu que foi considerado uma das grandes potências europeias na época das Grandes Navegações, em função de suas conquistas ultramarinas e dos grandes feitos no mar, como a realização do périplo africano e da riqueza que atingiu com a exploração de suas colônias.

É importante ressaltar a história do país para embasar a análise da obra de Adonias Filho, *Luanda Beira Bahia*, que ao longo do trabalho será citada como LBB, à luz da Lusofonia. O conceito da Lusofonia ainda carece de melhores definições, mas consiste, basicamente, em uma tentativa portuguesa de reestabelecer contato com os países emergentes (frutos do ciclo descolonizador, que será abordado ainda na parte histórica deste trabalho), a fim de manter seu território, se não geográfico, pelo menos imaginário, onde deve haver a valorização e a preservação da língua e da cultura portuguesas, vistas como uma argamassa natural que une as nações antes colônias de Portugal.

Muitas facetas da história portuguesa são abordadas no romance de Adonias Filho, estabelecendo relação com a história do país: as características aventureiras dos marinheiros portugueses, o domínio e a colonização no Brasil e em países africanos, a herança cultural comum a esses países e finalmente, o rompimento trágico e sangrento. Por fim, é traçado um perfil de Portugal nos dias de hoje, em que, devido à história recente de descolonização, busca um retorno à Europa, bem como de suas características europeias, antes relegadas ao segundo plano por seu aspecto aventureiro e conquistador, reflexo de seu passado de conquistas ultramarinas e colonizações extraterritoriais.

A segunda parte visa a buscar definições de Lusofonia, especialmente na obra de Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro*, e demonstrá-la através de trechos de LBB, buscando verificar os motivos que permitem a classificação do romance como precursor da Lusofonia na literatura brasileira. É através da história de Portugal que se justifica a divulgação da ideia de Lusofonia. Um país antes detentor de um grande domínio fora de seus limites geográficos, e que posteriormente, vê-se obrigado a reconhecer a independência de suas colônias

e retornar ao seu espaço original, sente a necessidade de estabelecer um modo de estender sua influência, e demonstrar ao mundo a forte existência da língua espalhada em tantos países e que serve de meio de transmissão da cultura lusitana nestes locais.

Neste momento são analisados vários trechos da obra de Adonias Filho, à luz da Lusofonia, estabelecendo também ligações com a história de Portugal e das nações emergentes.

## **1. As Grandes Navegações Portuguesas**

Segundo nos relata Sampaio (2013), Portugal já foi considerado o país mais empreendedor do planeta, devido às suas grandes conquistas e a um vasto império de nações dominadas, submetidas pela força das armas e exploradas de maneira voraz. Além do Brasil, grande provedor de matéria-prima e riquezas para a nação lusitana, outras regiões ajudaram a enriquecer o país. Muitas delas foram dominadas por séculos, como é o caso do Timor Leste, cujo primeiro contato com Portugal deu-se em 1512 e cuja independência deu-se em 1975.

*Luanda Beira Bahia*, obra do baiano Adonias Filho, escrita em 1971 pode ser considerada a obra literária que pode ser considerada precursora da Lusofonia no contexto da literatura brasileira, visto que apresenta um retrato da ligação entre Portugal e três de suas ex-colônias: Brasil, Angola e Moçambique, e tematiza aspectos que serão trazidos por este movimento político, histórico e cultural. A semelhança cultural entre estes três últimos, herança deixada pelos portugueses nessas terras é destaque na obra, que apresenta a história de um amor incestuoso entre Caúla, brasileiro filho do português João Joanes e uma brasileira descendente de índios, e luta, angolana filha de uma negra— Corina Mulele— e João Joanes, que no contexto de Angola se apresenta como Vicar.

O herói da história, Caúla, percorre a África lusofônica após a morte de sua mãe, pois esta não permitia que o filho seguisse os passos do pai marinheiro. Caúla por muito tempo levou em si o desejo de cruzar os mares, traduzindo na obra todo o histórico da relação portuguesa com o mar, as suas grandes conquistas e a conseqüente difusão de sua língua e cultura, em um grande terreno lusófono em torno da Terra, bem como o rompimento trágico com essas colônias.

Assim o narrador registra o sentimento de Caúla, logo que morre a mãe e ele consegue seguir seu coração e ir para o mar:

Não era difícil entender porque deixara tudo, a mãe e ele próprio, para sumir nos infinitos do mar. Devia ter sentido o que ele sentia agora(...) Navegar a vida inteira, rodando a terra, vendo as nações e as raças. (LBB, 1978, p.32)

Um dos aspectos mais marcantes da história de Portugal é, com certeza, sua política de exploração da África e o avanço para as regiões da Ásia onde os muçulmanos e venezianos compravam as especiarias para ser revendidas em toda a Europa. Conforme Bourdon (2010, p.41), havia, nessa expansão

marítima e colonial, dois objetivos opostos: o prolongamento da reconquista cristã no norte da África e um programa de descobertas de terras e mares desconhecidos, com vistas a novos caminhos para a Índia e o extremo oriente.

É sabido que o Brasil e vários países da África, e aqui destacamos Moçambique e Angola, tiveram um intercâmbio humano e conseqüentemente cultural, decorrente da política escravagista imposta pelos portugueses. Esse intercâmbio fez do Brasil um país de mestiços e isso também é um fator bastante concreto no que concerne à viagem do herói Caúla: ele se sente em casa, percebe as semelhanças existentes entre esses países durante sua aventura pela África. A obra de Adonias Filho retrata nossa história e nossa mistura com os povos português e africano.

Segundo nos relata Sampaio (2013), Portugal já foi considerado o país mais empreendedor do planeta, devido às suas grandes conquistas e a um vasto império de nações dominadas, submetidas pela força das armas e exploradas de maneira voraz. Além do Brasil, grande provedor de matéria-prima e riquezas para a nação lusitana, outras regiões ajudaram a enriquecer o país. Muitas delas foram dominadas por séculos, como é o caso do Timor Leste, cujo primeiro contato com Portugal deu-se em 1512 e cuja independência deu-se em 1975.

Relata Bourdon que, considerando o desejo de D. João I de tomar Ceuta, o primeiro aspecto da expansão ultramarina portuguesa foi “o de uma cruzada” (2010, p.41) Observando aspectos internos, externos, sociais, políticos, econômicos e religiosos, Portugal avançou em direção ao oriente, pois ser o primeiro estado europeu a alcançar a unidade territorial é uma das razões para que fosse também o primeiro país europeu a expandir seu território além-mar.

As conseqüências em longo prazo dessa expansão foram consideráveis, pois os árabes e judeus repassaram aos portugueses valiosas informações sobre rotas e países dos quais estes últimos desejavam assenhorear-se.

Salienta Bourdon que a tomada de Ceuta, em 1415, impulsionou a expansão marítima portuguesa, devido ao pensamento do infante Henrique, conhecido mais tarde pelo título de “O Navegador”. Henrique consagrou sua riqueza à construção de uma frota e ao recrutamento de serviços necessários à

atividade no mar, como geógrafos, cartógrafos e astrônomos que ele buscava entre portugueses e italianos. Esse grupo liderado pelo Navegador explorou as informações fornecidas por outros navegadores portugueses e por informantes árabes.

Henrique, o Navegador, impôs um método de descoberta sistemática e progressiva, que seria retomado mais tarde por D. João II, que viria a preparar a viagem de Vasco da Gama. Conforme relata Bourdon (2010, p.43), a ação do infante centrou-se na costa da África negra. A descoberta das ilhas e arquipélagos não foi mais que uma consequência do avanço português na região, e que tornou possível, em 1434, a circum-navegação do continente africano.

Após a morte de Henrique, D. Afonso V retomou a política de conquista de Marrocos. Obteve sucesso no assalto a Tânger em 1471, obtendo o título de “Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África”. Essa política foi continuada por seus sucessores, com resultados diversos, até que, trinta anos mais tarde, D. João III optou por uma retirada geral, conservando Ceuta, Tânger e Mazagão.

Porém foi D. João II quem instigou o projeto de dar a volta na África, com a finalidade de subjugar o Islão e desviar para Lisboa a corrente de especiarias que enriqueciam turcos e italianos. D. João II mandou explorar sistematicamente a costa da África e explorar as rotas no Atlântico sul. Em 1487, o Cabo das Tormentas foi contornado por Bartolomeu Dias, comprovando que o Índico e o Atlântico se comunicavam, realizando assim o périplo africano.

### 1.1. A descoberta e colonização do Brasil

Conforme aponta Bourdon (2010, p.46), os portugueses não se interessavam apenas pela rota do Cabo, mas pelas novas terras a que Colombo chegara em 1492, sobretudo com o continente brasileiro, que alguns historiadores afirmam que já era do conhecimento dos portugueses desde 1493. Porém, a descoberta oficial do Brasil só se deu em 1500, por ocasião da viagem de Pedro Álvares Cabral.

Ocupado com o comércio da Índia e do Marrocos, D. Manoel, sucessor de João II, não deu atenção às novas terras, as quais acreditava que não

possuísssem metais preciosos ou especiarias. Inicialmente, o único recurso explorado nas novas terras foi a madeira cor de brasa de onde se extraía um corante, e que ficou conhecida como pau-brasil, originando o nome do país.

Consoante Bourdon (2010, p.50), foi no reinado de D. João III que aumentou o interesse pela colonização, considerando-se as dificuldades encontradas no Oriente e o interesse de franceses e ingleses pelas terras brasileiras. Assim, em 1530, Martim Afonso de Sousa recebeu o direito de distribuir grandes lotes de terras a doze capitães donatários, que teriam poder feudal. Com o insucesso das Capitânicas, em 1549, o Brasil passou a ser uma economia agrícola, com a introdução de plantas, animais e técnicas europeias e asiáticas. Os portugueses detinham o monopólio da cultura da cana-de-açúcar, tornando o Brasil de uma economia extensiva a uma economia intensiva.

Por volta de 1570, o Brasil ocupava o primeiro lugar mundial na produção de cana-de-açúcar. Sem conseguir escravizar os indígenas que aqui habitavam, os colonos portugueses traziam de Guiné e Angola os escravos negros necessários à produção açucareira. Até 1888, a economia colonial brasileira associou-se à atividade escravagista, abordada na passagem de LBB:

Ela, a velha, estava de frente para o mar e seus olhos se abriram querendo enxergar a imensidão. Todos a conheciam, aquela velha, ali no Malhado desde que nascera ainda nos tempos da escravatura. Vira nascer os outros, meninos e meninas se fazendo homens e mulheres (1978, p.13)

*Luanda Beira Bahia* traz à luz, além da escravidão, outros aspectos importantes sobre a situação do negro e do mestiço nos países colonizados por Portugal, como a pobreza e a simplicidade do trabalho (pescadores, lavadeiras, cozinheiras).

O romance de Adonias Filho demonstra de forma clara a miscigenação dos povos colonizados por Portugal: no Brasil, entre outros, temos Morena, mãe de Caúla, mestiça filha de índios, e o próprio Caúla, mestiço, filho de Morena e João Joanes, português. Em Angola, temos luta, irmã de Caúla por parte de pai, filha de uma negra angolana que por sua vez era filha de Manoel Sete, também português.

A escravidão no Brasil teve papel primordial para o desenvolvimento da nação portuguesa, tanto que entre os anos de 1707 e 1750, durante o reinado de D. João V, estava instalada uma política de independência e prestígio, e

uma autonomia política e econômica, garantidas pela produção colonial. Esse foi um dos motivos pelos quais D. João V buscou reforçar os laços entre Portugal e a colônia brasileira, que desde 1865 remetia ouro em grandes quantidades, na ordem de oito toneladas por ano entre 1718 e 1731 e atingindo, em seu apogeu, o montante de 11 a 16 toneladas por ano entre 1735 e 1756, conforme relata Bourdon (2010, p.68)

Foi o ouro do Brasil que garantiu o investimento grandioso em artes e cultura, como o barroco português, por exemplo. Da mesma forma, o soberano investiu nas letras e nas ciências, criando muitas bibliotecas e a Academia Real de História portuguesa em 1720, tudo custeado pela exploração das riquezas brasileiras.

Em janeiro de 1808, Portugal estava prestes a ser invadido pelas tropas francesas comandadas por [Napoleão Bonaparte](#). Sem condições militares para enfrentar os franceses, o príncipe regente de Portugal, D. João, resolveu transferir a corte portuguesa para sua mais importante colônia, o Brasil. Contou, neste empreendimento, com a ajuda dos aliados ingleses.

Nos quatorze navios, além da família real, vieram centenas de funcionários, criados, assessores e pessoas ligadas à corte portuguesa. Trouxeram também muito dinheiro, obras de arte, documentos, livros, bens pessoais e outros objetos de valor. Após uma forte tempestade, alguns navios foram parar em [Salvador](#) e outros na cidade do Rio de Janeiro. Em março de 1808, a corte portuguesa foi instalada no Rio de Janeiro. Muitos moradores, sob ordem de D. João, foram despejados para que os imóveis fossem usados pelos funcionários do governo. Este fato gerou, num primeiro momento, muita insatisfação e transtorno na população da capital brasileira. No ano de 1818, a mãe de D. João, D. Maria I, faleceu e D. João tornou-se rei. Passou a ser chamado de D. João VI, rei do Reino Unido a Portugal e Algarves.

#### 1.1.1. A independência do Brasil

Conforme Bourdon (2010, p.91), a divulgação de ideias revolucionárias e liberais, pelas Lojas Maçônicas a partir de 1798, bem como a Revolução de 1820<sup>1</sup> suscitaram no povo brasileiro o desejo de independência. A partir desse

---

<sup>1</sup> A Revolução de 1820, ou Revolução do Porto, ocorreu na Europa, mas muitos de seus fatores estão ligados aos acontecimentos históricos do Brasil colonial. A abertura dos portos brasileiros findou um

momento, a pressão popular obrigou D. João VI a aderir ao movimento e aceitar os princípios da Constituição. Com o desacordo entre a metrópole e a colônia, e a exigência do regresso de D. Pedro I a Portugal desencadeou a revolta no Brasil em nome da independência. Em 7 de setembro de 1822, o Brasil consagrou sua separação definitiva, que veio a ser reconhecida por D. João VI apenas três anos mais tarde.

## 1.2. A ditadura militar e o Estado Novo em Portugal

Explica Bourdon (2010, p.122), que o povo português aceitou a república porque nela depositava grandes esperanças. Porém, o novo regime, apesar das (raras) conquistas, continuava o processo de decadência do país, e o povo passou a aceitar a imagem de um país perturbado por crises, greves, assassinatos, atraso cultural e técnico, cujas estruturas sociais pareciam inalteráveis e onde o analfabetismo não diminuía. Nesse contexto, e influenciados pelo sucesso do fascismo na Itália, muitos foram os que apoiaram a instauração da ditadura, que congregaria forças para a regeneração nacional, apoiada por um Estado forte.

Após vários lances determinantes para o golpe de Estado de 1928, o General Óscar Carmona apelou a António Salazar para que restaurasse o Estado com seu antigo poder. Salazar governou o país durante 40 anos. Segundo registra Bourdon (2010), Salazar justificava os seus atos políticos com a razão de Estado e pretendia instaurar uma sociedade em que os interesses de patrões e empregados estivessem associados. Salazar conseguiu equilibrar o orçamento do país tirando partido da crise econômica e da neutralidade mantida durante a II Guerra. À custa da exploração de tungstênio, minério cujas ligas têm numerosas aplicações, como os projéteis militares penetrantes, libertou o país da dívida externa e garantiu uma moeda forte, sustentada por um grande estoque de ouro. Limitava os investimentos e defendia que a pobreza era preferível à dependência. A fidelidade às tradições era mais desejável que os perigos da modernidade e urbanização desenfreadas.

---

período de três séculos de exploração da colônia, o que afetou profundamente a burguesia lusitana, que dependia dessa exploração para manter a posição econômica e social. (Araújo, F. **Revolução do Porto**, 2014. Fonte: site Infoescola, disponível em <http://www.infoescola.com/historia/revolucao-do-porto/> Acesso em 04 de agosto de 2014

Consoante Bourdon, desde que chegou ao governo, Salazar impunha decretos e estatutos “com estrutura corporativa de inspiração fascista” (2010, p.125), que disfarçavam a realidade de seu poder pessoal e ditatorial. Apoiado pelos militares, Salazar impunha a censura política e moral à imprensa, efetuava prisões e deportações arbitrárias: fez de Portugal um país praticamente sem história durante 40 anos.

No final dos anos 1950, a oposição ao regime buscava evidenciar a inadequação do salazarismo às necessidades do mundo moderno. Observa Bourdon que “no plano político, a partir do verão de 1957, a oposição tornou-se mais ativa” (2010, p.125). Apesar disso, uma fraude eleitoral deu a vitória a Américo Tomás e obrigou Humberto Delgado a exilar-se, até seu assassinato pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) em fevereiro de 1965. O biênio 1961- 1962 movimentou o país com revoltas populares ocorridas nas colônias, favoráveis à libertação de Angola, à anexação de Goa pela União Indiana e greves estudantis na metrópole.

Com relação ao plano econômico, Salazar iniciou a construção de barragens hidrelétricas, implantou cimenteiras e refinarias de petróleo, estaleiros de reparação naval e fábricas, bem como realizou muitas obras públicas. Todas essas obras foram insuficientes para conter o êxodo para as cidades e a emigração para o estrangeiro. Nesta época, Portugal passou a ter mais habitantes nas cidades que nas zonas rurais.

Mas foi a revolta de 4 de fevereiro de 1961, conduzida pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), que deu início à guerra colonial que favoreceu a derrubada do regime de Salazar. De acordo com Bourdon (2010, p.127), cerca de quarenta por cento do orçamento nacional estava sendo gasto com a “pacificação” de Guiné, Angola e Moçambique. As colônias africanas antes exploradas pelos bancos e monopólios portugueses, estavam se abrindo para o capital estrangeiro. Portugal estava cada vez mais isolado no plano diplomático, os planos de Salazar de continuar sendo uma potência colonial bem como a sua ditadura sangrenta levaram à reprovação crescente no âmbito internacional, até que em 1968, sofreu um acidente cerebral que o afastou da política.

Neste momento, Salazar passa o poder a Marcello Caetano, cuja política logo foi percebida como fadada ao fracasso. Registra Bourdon (2010, p.129)

que no verão de 1973, o Movimento dos Capitães<sup>2</sup>, consciente de que o impasse das guerras coloniais só seria sanado com a mudança no regime, derrubou a ditadura que durava quase meio século, instaurando um governo civil provisório, com a ativa participação de políticas de esquerda e de centro-esquerda.

#### 1.2.1. 1974, ano I da descolonização

Consoante Bourdon (2010, p.130), o governo provisório instaurado em 1973, iniciou conversações com os nacionalistas a partir de abril de 1974. Na Guiné, onde o PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e de Cabo Verde), dominava a maior parte de país, a data da independência estava já fixada para 10 de setembro de 1974. Em Moçambique, a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) facilitava o processo de descolonização e fixava também a data de sua independência: 25 de junho de 1975.

A situação de Angola foi a mais difícil pois suas vastas riquezas eram cobiçadas e havia três grupos nacionalistas rivais: o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a Unita (União Nacional para a Independência Total de Angola)

A República Popular de Angola estava reduzida a Luanda em 1975. Graças à ajuda cubana, Angola conseguiu eliminar seus rivais. Mas, com a reestruturação da Unita no sudeste do país, apoiado pelos Estados Unidos e pela África do Sul, iniciou-se um conflito que duraria 27 anos, culminando em abril de 2002, com a vitória da MPLA.

São Tomé e Príncipe tornou-se independente em 12 de julho de 1975 e em 4 dezembro do mesmo ano, Portugal reconheceu a soberania da Índia sobre Goa. Macau continuava a ser a única parcela ultramar submissa a Portugal, mas sua reintegração à China aconteceu em 1999, depois de um acordo firmado 12 anos antes.

De acordo com Bourdon (2010, p.132), o Timor foi anexado pela República Indonésia em 1975, quando se iniciou uma política de repressão que ceifaria a vida de cerca de 200.000 pessoas, cerca de um quarto da população do país. Apenas em 1999, a ONU organizou um encontro entre Portugal e a Indonésia, a fim de efetivar a independência do país, que ocorreria em 2002.

---

Depois de tanto tempo e tanto desgaste, confusões, mortes e guerras civis, a descolonização foi concluída. Os sonhos dos navegadores de expandir o país e a manutenção colonial tão defendida nos anos de salazarismo chegavam ao fim.

### 1.3. Portugal hoje.

Conforme Bourdon (2010, p.157), a maior parte das mudanças pelas quais Portugal passou derivam do corte político ocorrido por ocasião da Revolução dos Cravos<sup>3</sup>. Essas mudanças são de ordem política, como o desenvolvimento da democracia e do Estado de Direito; de ordem econômica, com a modernização e o crescimento impulsionados pelo imperativo europeu e, finalmente, de ordem social, com “a europeização dos modos de vida e consumo” (p.157) e a redução do país ao seu próprio “retângulo continental” (p.157), mas também solidamente “integrado à Europa e aberto aos espaços lusófonos, atlantista por coração e europeísta por razão.” (p.157)

Situado no extremo ocidental do continente europeu, com as suas fronteiras continentais quase estáveis desde o século XIII, Portugal considerou desde o século XV que seus interesses estratégicos não residiam na Europa e que sua vocação era antes de mais marítima, e não continental. Esta vocação marítima traduziu-se, até a queda do salazarismo, em 25 de abril de 1974, por uma orientação da política externa que privilegiava dois vetores exclusivos: o Atlântico- no quadro da velha aliança com a potência marítima dominante durante muito tempo, a Inglaterra- e o império colonial, tão glorificado durante o Estado Novo salazarista. As raras incursões portuguesas na cena continental, que se saldaram em fracassos- como no quadro da participação da Grande Guerra aos lados dos Britânicos e dos Franceses-, tiveram por efeito confirmar de forma duradoura o pensamento estratégico dominante em Portugal, ou seja, sua vocação ao mesmo tempo atlântica e colonial. (BOURDON, 2010, p.161)

Explica Bourdon (2010, p.161) que após a Revolução dos Cravos, Portugal buscou aderir rapidamente à comunidade europeia, observando razões de cunho político e econômico. Este “regresso à Europa” foi citado pelo então Ministro Mario Soares como “o novo destino dos portugueses” (p. 162), capaz de amenizar a perda das colônias e atenuar as consequências das

---

<sup>2-3</sup>Movimento que derrubou o regime salazarista em Portugal, em 1974, de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país. Os militares fizeram com que Marcelo Caetano fosse deposto, o que resultou na sua fuga para o Brasil. A presidência de Portugal foi assumida pelo general António de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura e distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados rebeldes em forma de agradecimento.**Revolução dos Cravos.** 2014Fonte: Site História do Mundo, disponível em <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm> Acesso em 04 de agosto de 2014

guerras pouco gloriosas, ao mesmo tempo em que consolidava a democracia portuguesa.

A partir daí, houve uma europeização crescente da política portuguesa, que conseguiu apagar a visão de um país quebrado, pobre, de analfabetismo endêmico, terra de emigração constante, heranças do salazarismo, e a substituiu pela visão de um país em vias de modernização, com modo de vida europeizado, aberto e dinâmico, apesar dos “atrasos e desequilíbrios” (p.163)

#### 1.4. O lusotropicalismo

Em 1950, o sociólogo brasileiro Gilberto Freire elaborou a teoria chamada Lusotropicalismo, que apresentava a colonização portuguesa como singular, com uma tendência supostamente inata para a mestiçagem, instrumentalizada pelo regime salazarista. Essa teoria não desapareceu, nem com as questões coloniais. Por isso, a emergência da Lusofonia e a criação da Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa (CPLP), em 1996, reunindo Portugal, Brasil e os cinco países da África cujo idioma oficial é o português (PALOP), alguns puderam perceber uma “versão democrática do Lusotropicalismo” (BOURDON, p.166)

Conforme Ricarte (2013), o Brasil, como país do presente e do futuro, pouco percebe o valor que possui para Portugal, para quem representa “velhos e novos sonhos” e que reclama para si, fundamentando-se na história, a fundação da civilização brasileira. De acordo com a autora, Portugal vê o Brasil como “um filho bem-amado”, porém o Brasil não valoriza os laços entre os dois países, considerando o discurso português “de pura alucinação ou delírio” (2013, p. 02)

De outra forma, o pernambucano Gilberto Freyre foi responsável por tirar proveito da imagem que o Brasil possui perante outros países, especialmente Portugal. Salienta Ricarte que Gilberto Freyre, através da publicação de *Casa Grande e Senzala*, em 1933, idealiza o Brasil como “complexo lusotropical de civilização e cultura” (2013, p.2), defendendo a tese de que a formação da família brasileira segue os moldes portugueses de economia patriarcal e antagonismos estabelecidos entre o senhor e o escravo, e que o sucesso da colonização portuguesa no Brasil se deve justamente a essas relações patriarcais entre senhores e escravos, bem como à interação entre os três povos que basicamente compõe o povo brasileiro: portugueses, índios e

negros. Outros fatores para o êxito colonizador seriam a interpenetração cultural e a mistura étnica exemplares.

Foi essa apologia à colonização portuguesa que conquistou a simpatia do governo salazarista, que apropriou-se das ideias do sociólogo brasileiro, utilizando-as como “legitimação científica e justificação ideológica para a nova política ultramarina definida durante a revisão constitucional de 1951” (RICARTE, 2013, p. 3), quando Freyre viajou, a convite do Ministério Ultramarino Português, às províncias portuguesas, com o fim de adaptar e transpor especialmente para a África, as ideias de cultura luso-brasileira.

Leonard (*apud* RICARTE, 2013) esclarece que as virtudes do lusotropicalismo estão ligadas à ideia de uma sociedade portuguesa plurirracial, onde o Brasil assume uma posição central, por consistir no território português em que a diversidade de costumes, linguagens, credos e etnias integra-se naturalmente através da força da língua e da religião cristã herdadas de Portugal. Na formulação de sua teoria, Freyre praticamente omite o processo violento de imposição da língua, da cultura e da religião em nosso país, e elege-os, junto com a o regime patriarcal de economia e sociedade, como fatores que fundamentam a formação de um tipo lusotropical de civilização e cultura, que ainda destaca como muito bem sucedido no Brasil e encontrado nas sociedades africanas e asiáticas colonizadas por Portugal.

## **2. A Lusofonia em *Luanda Beira Bahia***

Conforme relata Tutikian (2006), vários acontecimentos das últimas décadas do século XX, a extinção do último império ocidental, as guerras internas e a independência das colônias portuguesas, o interesse despertado pelas literaturas do terceiro mundo nos países do primeiro, pela temática que apresentam- racismo, separatismo, minorias étnicas- tudo isso associado à ideia do término da modernidade e a noção da pós-modernidade, favoreceram em termos de literatura, o repensar da questão da identidade.

Explica Tutikian que :

Essa questão já ocupava importante espaço na primeira metade do século, com o avanço dos nacionalismos e, também, com o fenômeno global da dissolução dos impérios europeus, que se seguiu

à II Guerra mundial e que configura o ciclo descolonizador. (TUTIKIAN, 2006, p.11)

Para a autora, a identidade de uma nação passa a relacionar-se com uma série de fatores tais como a língua, a tradição, o folclore, a crença, a arte e a literatura, não constituindo um fenômeno fixo e isolado, mas uma forma de abalo das estruturas e processos sociais, e da estabilidade do mundo social.

Hall esclarece que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, apud TUTIKIAN, 2006, p.12)

Para Tutikian, esse movimento de transformação do indivíduo iluminista para sociológico e por fim pós-moderno, acarreta a perda da noção da fixidez, da essencialidade ou permanência. É a chamada “celebração móvel” (2006, p.12). A partir desses acontecimentos, as fronteiras geográficas, históricas, políticas, ideológicas e culturais passam por uma redefinição: o conceito de nação que foi exportado pela Europa no século XIX como espaço limitado por fronteiras naturais, línguas, crenças, sistemas políticos e econômicos entram em crise no século XX.

Diante desse contexto, passamos a reconhecer a situação que envolve Portugal e suas ex-colônias: uma forte resistência das nações emergentes (frutos do ciclo descolonizador) em permanecerem nessa condição, um rompimento sangrento, a reavaliação e a conseqüente valorização da cultura desses locais.

Salienta Tutikian, que as relações entre as culturas (a que olha e a que é olhada) não se estabelecem de uma mesma forma: citando Pageaux, esclarece Tutikian que são três: a “philia” (a cultura nacional e estrangeira colocadas num mesmo plano, estabelecem uma colaboração mútua), a “fobia” (quando a cultura nacional se entende superior à estrangeira e tende a desviar-se desta) e “mania” (quando a cultura nacional acredita-se inferior à estrangeira e busca absorvê-la).

Mas é necessário considerar-se o encontro entre culturas, o possível apagamento de identidades, sem que se apague a memória. Esse encontro

determinaria o surgimento de uma terceira cultura, resultante da hibridização. Aqui pode-se começar a traçar um retrato da Lusofonia.

Em suma, a língua portuguesa seria um elo, uma “argamassa natural” que uniria mais de 200 milhões de falantes. Este espaço seria o ponto de ancoragem de uma lusofonia entendida como uma espécie de “pátria intemporal”, conforme a afirmação do poeta português Fernando Pessoa de que sua pátria era a língua portuguesa. *Luanda Beira Bahia*, obra que pode ser considerada pioneira da Lusofonia na literatura, publicada em 1971, de autoria do brasileiro Adonias Filho, apresenta um enredo que se passa em três lugares diferentes dentro desse terreno lusófono: Luanda, capital angolana, Beira, capital moçambicana e a Bahia, no Brasil.

O enredo de *Luanda Beira Bahia* apresenta a história de Caúla, menino baiano, filho de Morena, baiana, e João Joanes, marinheiro que abandona a família em busca da aventura da vida no mar. O menino, a exemplo do pai, passa a vida encantado com a possibilidade de também tornar-se um marinheiro, deixando para trás a segurança de sua terra e de sua família, numa clara alusão aos conquistadores portugueses, inquietos em seu retângulo original europeu e sedentos de conquistas ultramarinas.

Não é necessário chegar ao fim da leitura de *Luanda Beira Bahia* para que se estabeleça uma relação entre a importância do mar na obra de Adonias Filho, assim como para as Grandes Navegações portuguesas, que durante os séculos XV e XVI, viabilizaram o engrandecimento daquela nação, seja pela conquista de novas terras, seja pelo enriquecimento originado da venda de especiarias que chegavam até a Europa basicamente por mar.

A Lusofonia é um conceito amplamente discutido. Alguns teóricos a compreendem como sendo basicamente a influência cultural lusa nos países colonizados por Portugal e que ainda conservam o idioma português. Outros pensadores defendem uma ideia completamente oposta: a de que a Lusofonia seria uma tentativa de Portugal conservar sua importância como colonizador, bem como seu domínio sobre os colonizados, de alguma forma.

É inegável que a obra de Adonias Filho traz em si muitos aspectos da cultura portuguesa, iniciando-se pela forte presença do mar e o sentimento que ele causava aos homens, retratados em uma bela passagem que diz: “O mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e

outros desapareciam como se morressem. Tinham que ir e iam como enfeitados.” (ADONIAS FILHO, 1978, p.12)

João Joanes, pai de Caúla e luta, pode constituir uma boa representação do homem português conquistador, apegado apenas ao mar, por prazer, por curiosidade pelos outros mundos, ou apenas por esta ser considerada uma característica do sangue português, que escravizava os homens atraindo-os para os oceanos:

“O resto do sangue português, talvez, cedo fervendo nas areias do Pontal e dentro das cabanas dos pescadores. Já meninos, remando nas canoas, pescadores depois nas jangadas e em pequenos barcos, marinheiros finalmente que rodavam todos os oceanos. O Sardento agora era um deles.” (1978, p.12)

Evidente, porém, era o medo. Homem nascera o filho, nele o sangue do pai, talvez chegasse o dia em que também se fosse (...) E ficou, ali detida com a árvore, vendo o menino crescer. (1978, p.14)

O valor do sangue português e o desejo pelo mar impresso neste sangue é expresso também no pensamento de Corina Mulele:

. O sangue, tinha o mesmo sangue que Manuel Sete e tanto que o vento do mar, soprado no Quibala, como que a chamava para Luanda. (1978, p.47)

A temática das Grandes Navegações é uma constante, com tantos marinheiros e viagens e imprime-se também na negativa da mãe de Caúla que, mais evidenciada, é a mesma de muitas esposas, filhas, mães de homens do mar. O drama de Morena não é apenas seu, mas de muitas mulheres portuguesas e brasileiras.

Iguais, todas as mulheres iguais. Queriam os homens e eles, como os filhos, saíam para o mundo. Primeiro fora o marido, Pedro. Depois o filho, também Pedro. Era como se elas, as mulheres, estivessem obrigadas a parir homens para o mar. Os dois Pedros já estariam mortos, que tantos os anos e os anos se passaram. Todas iguais, as mulheres. Podiam cegar frente ao sol, esperando sempre, a nova esperança morrendo em cada navio que chegava. Podiam envelhecer na praia, sentadas na areia, voltadas para o mar, sempre esperando. (1978, p.13)

Afora o drama das mulheres que perdiam seus homens para o mar e ficavam à espera por anos, ou pela vida toda, havia a expectativa da mudança que acontecia com aqueles que retornavam muito mudados pela vivência no mar:

Podiam envelhecer na praia, sentadas na areia, voltadas para o mar, sempre esperando. Raramente, muito raramente regressava alguém, um marinheiro, assim mesmo tão mudado que parecia outro.

Que havia nas costas do mar para que os homens sumissem como se afogados fossem? Que poder havia? (1978, p.13-14)

A obra de Adonias Filho retrata também a dúvida de Caúla, seu dilema entre ficar em terra firme, conforme pedia a mãe, e partir, seguindo os passos do pai português. Esses eram os destinos possíveis para os homens do Pontal.

Os homens de Ilhéus, ali do Pontal e do Malhado, tinham apenas dois caminhos. Dois caminhos e nada mais. Entravam matas adentro para o ventre das selvas ou saíam mar afora para os portos do mundo. Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africano, enquanto os caboclos de sangue índio escolhiam os sertões. (1978, p. 13)

O mar alto, Pé-de-Vento, o saveiro. E Caúla, porque viu aquilo mais de uma vez, pensou no pai, aquele marinho, o Sardento. Não era difícil entender porque deixara tudo, a mãe e ele próprio para sumir nos infinitos do mar. Devia ter sentido o que ele sentia agora. Vontade de tomar o leme, o saveiro no sem fim das águas, noite e dia viajar até dar com a Bahia ou com Lisboa, os portos do mundo. Navegar a vida inteira, rodando a terra, vendo as nações e as raças. (1978, p.23)

Esse conflito de Caúla é reforçado pelo desejo de conhecer o pai e também o mundo, apresentado por uma professora negra de geografia e reforçado pelo seu contato com Alice, integrante do circo que chega a Ilhéus:

Em certas horas, frente ao mapa do mundo para as lições de geografia, ela se comovia ao ponto de, alterando a voz, também comover a classe. Tornava-se mesmo bonita aquela negra sem beleza alguma. O olhar brilhava, as mãos no ar, mostrava o mapa.  
-- É o mundo! —exclamava. (1978, p.17)

Importa citar também o desejo da própria professora, retratado em uma passagem em que ela conversa com Morena, talvez um desejo de colonizado parecer-se um pouco mais com seu colonizador, seguir seu exemplo de conquistas:

A imagem do pai devia estar com Caúla— pensou Maria da Hora— em todos os lugares. E por que não partiria, como o pai, em busca do próprio pai? Olhasse a distância, assim sobre o mar, e o pai enxergaria. Tudo o lembrava, o mar e a casa, a jindiba e a mãe. A professora reviu o rosto da mulher, devia-lhe uma resposta, a pergunta permanecia na sala.  
-- Eu, se fosse homem, não ficaria ancorado.—disse. (1978, p.18)

Esse posicionamento, esse amor pelo mar e pela descoberta que Caúla percebe em sua professora, faz com que ele se orgulhe dela:

Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa. Trabalho, a mãe dissera, tinha que trabalhar. Entendeu a despedida, porém, quando Maria da Hora pôs a mão em sua cabeça. Orgulho, e que a jindiba visse, muito orgulho de sua professora negra. (1978, p. 19)

De acordo com Rosário (2007), Lusofonia é um “conceito que ainda não consolidou os seus contornos” e quando se fala em países lusófonos, estamos

incluindo países africanos que, tendo sido colônias de Portugal até meados da década de 70, apresentam a língua portuguesa como idioma oficial. O autor traz à luz algumas colocações interessantes sobre o assunto. De acordo com ele, estabelecer um conceito definitivo daquilo que poderia ser chamado de Lusófono é bastante difícil, em virtude de muitas discussões e pontos de vista diferenciados.

Essa inclusão de países que antes foram colônias e conservam além da língua, a cultura portuguesa, é perfeitamente perceptível no arranjo da narrativa que se passa nos três locais: Brasil, Luanda e Moçambique, trazendo à luz a questão da conquista e da colonização por Portugal. A força, a valentia e a superioridade do português são destaques na obra, na figura de João Joanes a Manuel Sete. Para exemplificar, cita-se o pensamento de Corina Mulele a respeito do pai, Manuel Sete, bem como sua opinião a respeito da inferioridade da mãe africana:

Noite na aldeia, o Quibala em trevas, Corina Mulele e a mãe na sala da frente. A luz que vinha do candeeiro, mostrando o chão de barro pisado e a mãe sentada no almofadão, tão gorda e enorme que era quase um hipopótamo. As pulseiras e os anéis de pelo de elefante enchiam-lhe os braços e os dedos. (...) a mãe não saía nunca, sempre no almofadão, negra de luxo que parecia mulher de um soba. E tudo porque, além de possuir duas vacas, seis carneiros e alguns porcos, vivera com um branco, aquele português Manuel Sete, o pai de Corina. (1978, p. 43-44)

Caçador de crocodilos, o pai, negociava as peles. Metia-se na selva cinco ou nove dias, a barba nos peitos, o rifle e o machado nas mãos, a lata de querosene e a mochila nas costas Esperava a treva para acender o facho, encandear o bicho, matava a machado. Filho de Portugal, forte e valente, não entendia o que ele, o pai, encontrara em sua mãe. (1978, p.44)

Marinheiro sim, a mãe afirmava, e tanto que tinha uma tatuagem sobre o coração. Mulher nua com cabeça de cobra, em cor verde na pele branca. As moças todas queriam ele, mesmo as mulheres casadas. (1978, p.44)

A supremacia portuguesa está impressa também no enfrentamento do leopardo por Manuel Sete e a percepção do medo dos negros, incapazes de enfrentar o perigo que os rodeava sem ajuda:

O povo e o medo, a aldeia em pânico, as plantações se perdiam. O leopardo na caça, devorando o gado e as cabras, abandonadas as taperas da planície depois que matou uma mulher e três meninos. Na aldeia, na aldeia apavorada, todos se trancaram! As grandes fogueiras, que a cercavam durante a noite, talvez espantassem a fera. E de tal modo, foi que a comida começou a diminuir, faltando mesmo a uala, a melhor cerveja de milho de Angola. Então- ó, Corina Mulele, - ele, o português, chegou à aldeia, o seu pai, Manuel Sete. (...)

Ela respondeu, quase sem o sentir, como dominada por Manuel Sete. Não estranhou o medo dos negros, o povoado trancado por causa de um leopardo, sabia como fazer. E, dia seguinte, valendo-se de um pedaço de ferro, construiu a lança no fogo de Cajiri, o ferreiro. Sabia como fazer, ele, Manuel Sete. Ofereceu-se dizendo:

\_ Eu matarei o leopardo. (...)

Traria o leopardo para o terreiro aberto, na entrada da aldeia, seria bom que os negros vissem quanto vale um homem. Três armas contavam: a fome do leopardo, o rifle e a lança de ferro. (1978, p.45-46)

Corina Mulele, mãe de luta, despreza a mãe e anseia pela presença do pai, que, em sua superioridade (pensada pela filha e demonstrada ao longo da narrativa), dava-lhe a ilusão da proteção:

E se não sentia amizade nem ódio pela mãe, apenas desprezo por sua preguiça e seu egoísmo, enorme veneração sentia pelo pai que não conhecera. (1978, p.43-44)

Não sentia amizade nem ódio. Desprezo e indiferença sim. A mãe sentada no almofadão, bebendo o quitoto, embrutecida pela indolência. Vontade de ter o pai ali, e sentir-se protegida. O sangue, tinha o mesmo sangue que Manuel Sete e tanto que o vento do mar, soprado no Quibala, como que a chamava para Luanda. (1978, p.47)

Outro parâmetro interessante de citar, além daquele que estabelece a superioridade do europeu é a inferioridade do negro: a professora Maria da Hora, embora ocupe um lugar de destaque e respeito na sociedade (professora), é negra e apresentada como sendo feia, magra, pobre e trabalhadora. Por fim, Adonias Filho denomina-a “feiticeira”, talvez na tentativa de estabelecer também, uma relação com o tratamento dispensado aos negros adeptos de religiões afro-brasileiras.

Um ponto que pode ser destacado nessa relação Lusofonia- história portuguesa é a relação do colonizador- colonizado. A imagem de João Joanes pode perfeitamente representar a conquista portuguesa e o posterior rompimento com suas colônias. Assim como Portugal deixou sua marca, sua língua e cultura em várias terras, o Sardento ficava, conquistava uma mulher, deixava-lhe um filho e partia. Assim foi com Morena e Corina Mulele, mães de Caúla e luta respectivamente. Da mesma forma, alguns trechos apresentam uma semelhança com a situação deixada por Portugal nos países que conquistou e tornaram-se independentes: uma relação de exploração e rompimento doloroso.

Foi o riso, duas crianças se divertindo, mas de repente ficaram sérios. A mulher adivinha nesses momentos, a mulher adivinha. Não teve dúvidas, pois, de que o homem chegara, o pai de seus filhos, o dono. (1978, p.10)

Homem de carne e osso, com um filho de dois anos, e boa casa de moradia, os amigos nos arredores, que diabo o chamara para as viagens de fim de mundo? (...) João Joanes entrou, sentou-se no batente da janela da sala e, com as costas para a jindiba, a fitou como se fosse uma desconhecida. A água do mar estava no sangue e era fácil enxergar que ele não ficaria em Ilhéus.(...)

-- Eu vou embora-- disse. Já assinei os papéis. (1978, p. 11)

Grávida de você, deitada ao lado dele, perguntava onde nascera, se os pais ainda viviam e não deixara uma mulher atrás. O medo, luta, medo que voltasse um dia para o Brasil. Não tinha ninguém—nem mãe, mulher e filho—ele jurava. Apenas eu, Corina Mulele, e a criança a nascer. Sabia porém, que Vicar tinha o mar, criatura mais do mar que da terra, capaz de morrer se o prendessem em chão firme. Qualquer dia, a qualquer momento, poderia não regressar. E por isso eu rezava, rezava muito, pedindo aos santos.

Vê-lo partir manhã cedo, no barco a vela, a correr mar alto. Me levou uma vez, apenas uma vez, e em meus olhos permanecerá de pé, nu da cintura para cima, as mãos na roda do leme. (1978, p.51)

É preciso abordar também uma característica interessante de algumas personagens femininas, como a mãe de Caúla e Luta: abandonadas por João Joanes, elas tornam-se fortes, pois necessitam cuidar dos filhos e garantir-lhes a sobrevivência, embora os filhos não lhes deem o retorno merecido e anseiem por ganhar o mundo, a exemplo dos pais. Essas passagens podem estar relacionadas à história das colônias portuguesas, que se tornam independentes e buscam sua supervivência, mas conservam o apego ao passado ligado a Portugal, como essas mulheres conservam o amor pelos homens.

E aquela árvore, como a mãe, devia ter esperado o pai. Por que não voltara? Por que não aparecia? Mulher sem homem, no Pontal, a mãe não era a primeira.

\_ A culpa é do mar- as mulheres diziam.

Um mês, um ano, dez anos à espera. Onde estaria o pai? Dez anos, bem contados nos dedos, sem que tivessem notícias. Verdade, verdade, a árvore tinha que conhecer a mãe no corpo e na alma. Redondo o rosto, corridos os cabelões de cabocla, os seios grandes. Vê-la na tina, lavando a roupa, as coxas grossas. Existia para o filho, trabalhando duro como lavadeira, remendando as redes dos pescadores, arrumando dinheiro para a roupa e a comida. A alma devia ser forte como os seus braços e grande como as suas mãos. Compreendia, tudo compreendia. Por que ele, porém, não voltara?

\_ Viverá ainda? – perguntava ao filho, querendo alimentar a esperança, os olhos negros brilhando. (1978, p.9)

Vira nascer os outros, meninos e meninas se fazendo homens e mulheres, o lugar a se encompridar na linha da praia. Conhecera os que estavam no cemitério- o cemitério das mulheres- porque os homens quase todos sumiram em viagens de marinheiro. (1978, p. 13)

A jindiba testemunhava a aflição da mãe que o esperava na janela com olhos no largo vazio. Em seus galhos, ocultas nas folhas, as cigarras cantavam. O marido, aquele João Joanes, ali deixará o filho como um órfão. Não era, porém, o único órfão. Os meninos dos marinheiros- e assim o povo os chamava- reuniam-se em bando como os donos das praias, queimados de sol, mais moradores do mar que das próprias casas. (1978, p.19)

Para Baptista (2000), o conceito de Lusofonia, só pode ser pensado e compreendido quando inserido no âmbito da cultura contemporânea, considerando-se a raiz portuguesa. Já para Cahen (2007) o conceito de Lusofonia “apaga em uma única palavra realidades sociais extremamente diferentes e status sociais incomparáveis.” Assim ocorre na obra de Adonias Filho, que mostra três contextos lusófonos, Luanda, Beira e Bahia, unidos por uma língua comum e por uma cultura herdada dos portugueses, mas que se modificou ao longo dos anos, tomando as características de cada local, sem, no entanto, deixar de lado suas raízes. Pode-se dizer que essa obra apresenta o conceito de Lusofonia, reforçando os conceitos que os países emergentes herdaram de Portugal e dando a eles um aspecto bastante positivo. Da mesma forma, os trechos da obra apresentam as relações culturais entre esses países irmãos, a herança que o Brasil também recebeu da África.

As praças velhas de séculos, cercadas pelos sobradinhos magros e os casarões pesados, tão iguais às de Salvador da Bahia que até o calçamento é o mesmo. Ver os mercados, sobretudo aquele dos pobres, é voltar à Bahia. É andar de novo com negros, comer as mesmas frutas, pegar no ar o cheiro do dendê fervendo. (1978, p 40)

Ali, na cobertura, Caúla via as manchas cinzas, muito distantes, e sabia que grande era o mundo dos africanos. Selvas por dentro, feras em liberdade, tribos dançando. Pedacos vivos desse mundo estavam na Bahia, as gordas velhas sentadas frente aos tabuleiros e panelas de acarajé, negras de Angola, a própria Conceição tinha muito daquele sangue. (1978, p. 117)

Afirma Reis (2014) que durante o século XVI, o Oceano Atlântico assumiu grande papel econômico ao concentrar o comércio português. Na época, Angola e Brasil eram colônias portuguesas, porém aquela submetia-se aos interesses desta, chegando a ser considerada dependente do Brasil. Através do intercâmbio de escravos, acontecia também o intercâmbio cultural que influenciaria os dois lados do Atlântico.

Durante o início do século XX, Angola era a mais rica das colônias portuguesas, dada a sua riqueza mineral. O intercâmbio entre o Brasil e a África, ocorrido durante o século XX e presente em LBB, pode ser visto como uma tentativa do autor de ressaltar essas relações passadas que se prolongam no presente. Conforme Reis (2014), Adonias Filho busca trazer à memória as grandes ligações que existiram entre eles.

Nesta obra, o narrador delinea um retrato dos países colônias, suas tradições e raízes. Os personagens possuem características da miscigenação, tão perceptível nessas terras, sempre mostrando uma retomada à origem, seja portuguesa, seja africana. Caúla, filho de João Joanes, português, e Morena, cabocla filha de índios. Luta, irmã de Caúla por parte de pai, e nascida de uma negra angolana. A Bahia sofreu influências de negros e portugueses. Os escravos que entravam no Brasil, muitas vezes pelos portos baianos, alicerçaram a construção do povo brasileiro. Adonias Filho ambienta sua obra em lugares que remetem à colonização portuguesa. Caúla possui raízes brasileiras, nasceu e cresceu em Ilhéus, depois, chegando à Luanda, percebe sua semelhança com o Brasil: “sobradinhos magros e casarões pesados, tão iguais às de Salvador da Bahia que até o calçamento é o mesmo.” (1979, p.40), apaixonou-se pela moça mestiça, filha de angolana e português, angolana que fala a mesma língua que o brasileiro. Essas primeiras impressões de Caúla mostram os pontos comuns entre as culturas africanas e brasileiras, herança portuguesa perpetuada na identidade cultural desses lugares. Angola, Moçambique e Brasil foram colonizados por Portugal e possuem características comuns como a língua e costumes similares. A África é o berço das civilizações e influencia na identidade brasileira.

Ribeiro (2011) por exemplo, afirma que a temática da Lusofonia é uma oportunidade de recuperar e potencializar a afirmação de Portugal no Sistema Internacional, utilizando uma “estratégia de muito longo prazo”. Esta autora defende a ideia de que a Lusofonia não é um conceito do passado, mas uma ideia “portadora de futuro”, e que é fundamental seu conhecimento para todos os falantes da língua portuguesa.

Explica Ribeiro que mesmo as violentas guerras de independência da metade do século XX e as alterações políticas entre Portugal e os estados lusófonos, não possibilitaram um corte nos vínculos da língua comum, que se perpetua como elo entre os falantes desses estados. Sendo assim, a própria

língua torna-se componente central e fator de agregação entre esses povos, embora exista a real necessidade de compreender-se e valorizar-se as diversidades culturais deles, seguindo um padrão multicultural e de afirmação política policêntrica, de forma “(...) intrinsecamente complexa e extrinsecamente perceptível.”

Com relação à natureza da Lusofonia, explica Ribeiro (2011) que é policêntrica, porque recusa a ideia de um centro dominante com polos secundarizados, defendendo uma visão de “articulação dinâmica entre os diferentes centros” e multicultural, porque se baseia em uma expressão cultural comum, mas aberta, desenvolvendo-se na expressão de diferentes povos. Segundo a autora, “na Lusofonia, o que conta é o conjunto, na sua riqueza e na sua dinâmica, na fusão sociológica e cultural que permite ultrapassar e aprofundar os componentes parciais.”

“o sonho de uma Comunidade de Povos de Língua Portuguesa, bem ou mal sonhado, é por natureza – que é sobretudo história e mitologia – um sonho de raiz, de estrutura, de intenção e amplitude lusíada.” LOURENÇO (2001, p. )

De acordo com Lourenço (2001) o imaginário lusófono tornou-se plural e apresenta muitas facetas diferentes, uma vez que sobrevive como unidade utópica em um espaço cultural fragmentado. O autor defende a ideia que a “galáxia lusófona” (2001, p.111) é inextricavelmente brasileira, portuguesa, angolana, são tomense... Lourenço relata que o português procura a si mesmo através dos outros e os outros através de si. Para ele, a Lusofonia “*não é um reino, mesmo encartadamente folclórico*” (2001, p. 76), mas um continente imaterial e fragmentado que se comunica por meio da Língua Portuguesa e se vincula, de maneira mais ou menos consciente, à cultura dessa língua. Detalha esse autor que o conceito de Lusofonia não se restringe ao passado, à língua e cultura que nos foram impostas, mas ao destino do continente que é, ou se aspira que venha a ser, o mundo lusófono, e que não se restringe ao eco do conceito, arrastando imagens e fantasmas, mas adquire novas facetas nos diversos espaços em que existe e atua.

A Lusofonia é hoje o nosso mapa cor-de-rosa<sup>4</sup>, onde todos esses impérios podem ser inscritos, invisíveis e até ridículos pra quem nos

---

<sup>4</sup>Mapa cor-de-rosa é o nome dado ao projeto português que visava unir Angola e Moçambique, apresentado em 1884 no Congresso de Berlim, com forte reação da Inglaterra, que tinha planos de também expandir naquela área.. Portugal ambicionava formar um vasto território na África central, a partir dos países já dominados. O nome deve-se ao fato do plano aparecer em uma convenção luso-francesa de 1886, em um mapa colorido de cor-de-rosa. **Mapa cor-de-rosa**, 2014. Fonte: site Infopédia Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$mapa-cor-de-rosa](http://www.infopedia.pt/$mapa-cor-de-rosa) Acesso em 04 de agosto de 2014

vê de fora, mas brilhando para nós como uma chama no átrio da nossa alma. Digo bem, nossa, de portugueses, imaginando que ela tem o mesmo brilho e o mesmo ardor nos outros pontos cardeais do espaço lusófono e, sobretudo, naquele que o astronauta Titov enxergou a olho nu do alto dos céus, o do Brasil. (LOURENÇO, 2001, p.180)

Considerando essa fala de Lourenço, podemos estabelecer uma relação com a história de Portugal. Mesmo apesar do rompimento com suas colônias, deixa sua marca indelével. No caso do Brasil, apesar da participação de vários povos na constituição do povo, como negros, índios, europeus de outras partes que não Portugal, é este último que figura como grande colonizador.

Mas a Lusofonia não possui o mesmo brilho para outros povos, senão para o povo português. Para este, a Lusofonia e o mito da CPLP- Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa- configuram uma totalidade ideal, onde estão inseridas as diferenças culturais de seus componentes, colonizados em Língua Portuguesa e pela cultura portuguesa, e que sofreram metamorfose. Porém, talvez a história tão recente de exploração e rompimento trágico entre Portugal e suas colônias, ou talvez o desejos destas de evoluírem como nações independentes, inclusive culturalmente, não permitam que esses povos visualizem a CPLP da mesma forma supervalorizada. Segundo relata o autor, nenhum dos povos lusófonos está empenhado na visão induzida pela Lusofonia. Esse pertencimento a uma comunidade lusofônica, em que Portugal continuará exercendo papel de destaque como colonizador causa desconforto aos demais países, que buscam, desde suas independências, a construção de uma identidade própria.

Por outro lado, para Lourenço, o tema Lusofonia é obscuro, ou obscurecido pela interferência ou coexistência de realidades distintas “*de todo em todo não homólogas e, só no melhor dos casos, análogas*” (2001, p. 181) dos espaços potencialmente lusófonos e que hoje são política e economicamente autônomos. O autor reafirma que apenas os portugueses imaginam a Lusofonia e a CPLP como uma totalidade ideal compatível com as diferenças de seus componentes, e que para eles, seria impossível não pensar dessa forma, visto que são o “*espaço matricial da Língua Portuguesa*” (2001, p. 182) cuja presença e metamorfose em outros espaços se deve ao ter sido levada por eles a outras paragens, que tocaram ou colonizaram.

Lourenço defende a ideia de que Portugal não pode desejar ser o centro da esfera lusófona, mas a essência genealógica, que partilha o ser e o sentir

da Língua. Para o teórico, essa figura ideal da perfeição lusófona é uma perspectiva apenas portuguesa, mas, de qualquer forma, é importante pensar o discurso da imperfeição, o projeto de uma comunidade a ser construída e desenvolvida, e, na medida do interesse dos povos lusófonos, a ser defendida. Lourenço argumenta que uma língua não é um direito divino, mas um ser vivo, mutante, mortal, suscetível a outras línguas, ao poderio, às “afirmações identitárias em estado de guerra cultural” (2001, p. 182) e que cada povo e cultura possui seu lugar, limites e perfil, não podendo ocupar o lugar do outro. Conforme nos elucida Lourenço, uma nação não pode ser considerada dona da sua língua e que os portugueses dizem que levaram a Língua Portuguesa às demais nações, como a mercadoria mais preciosa de todas. Foi nesse movimento, comparado a “*uma vaga que se alastra*”, que deixaram pelo mundo a famosa alma repartida em pedaços.

Compreendendo o que diz Lourenço, pode-se estabelecer uma relação dessa “essência genealógica” na presença da jindiba. A jindiba é uma árvore africana plantada em frente à casa de Caúla, na Bahia. Essa árvore é uma personagem constante e ganha um brilho especial no final da narrativa de Adonias Filho. A presença constante da árvore pode ter sido utilizada pelo autor para representar também a herança portuguesa, a língua, a cultura, os hábitos que herdamos e que se mantêm vivos e presentes no nosso modo de ser e viver. Por se tratar de uma árvore africana, com raízes fincadas no Brasil, pode representar a ligação existente entre Brasil e África. É possível que o pedido de João Joanes ao companheiro do navio, de pegar na casa de Caúla um galho da jindiba, possa representar essa necessidade portuguesa do retorno ao passado, essa vontade de ter um contato maior com suas ex-colônias, essa verificação de se e como ainda existe a presença portuguesa nestes países. É visível que o narrador dá à árvore, assim como ao mar, o preceito da tradição do colonizador. Para aquela, a característica da permanência da cultura. Para este, a expressão do aspecto não-continental dessa cultura, ou seja, do seu caráter disseminador.

Uma jindiba, aquela árvore. As raízes vinham do chão, espalhavam-se como suportes, bases do tronco imenso que muito em cima, se abria em galhos e na copa gigante. (1978, p.3)

Ali defronte, tudo vendo, e desde que entrou na casa com ele carregando-a nos braços, aquela árvore. E, se a jindiba viu quando o menino nasceu, também viu quando ele partiu. (1978, p..11)

--Somos amigos, o Sardento e eu. E ele pediu, dona, pediu um ramo da jindiba. Um pedido maluco, sei lá.

Não pôde deixar de rir-se. João Joanes pedia um ramo da jindiba, lembrava-se da árvore, era o que estava vendo. Uma coisa viva, que talvez plantasse como muda em uma lata com terra de Ilhéus, com a recordação na casa, na mulher e no filho. Levaria aquilo pelos mares afora, parte de sua bagagem, para não esquecer o que ficava. (1978, p.15)

--O mar, filho, é ruim—ela sempre dizia.

A jindiba falasse e não diria o mesmo. A árvore, que Caúla já aceitava como um pedaço de si próprio, conhecia o mar. As raízes na areia penetravam. Salgado o vento que movia as folhas. (1978, p.16)

Quando retornava, para encontrar a mãe sempre debruçada na janela, Caúla não via a jindiba. Passava rápido, quase correndo, já não sentindo a presença da árvore que era, agora, um objeto como as pedras amontoadas no oitão da casa. Ela, a jindiba, sabia que o menino não tardaria a empregar-se. (1978, p.20)

A jindiba é uma árvore de origem africana, e percebe-se que simbolizava para Caúla um porto seguro, uma lembrança que tinha enquanto estava longe, levando a crer que, por mais que os descendentes se afastem, não poderão esquecer suas raízes portuguesas, tão intimamente incrustadas. Segundo Alvarenga (2009), a jindiba é a natureza marcada pela personificação e aparece na obra como uma metáfora de “um pertencimento ideal”, pois a árvore apresenta “personalidade estável” e assenta-se em uma morada única, ao contrário dos personagens mestiços, que apresentam traços de instabilidade que marcam o seu desenvolvimento. A jindiba, segundo o autor, representaria uma identidade sólida, em contraste ao “caráter líquido e escorregadio” da personalidade mestiça (ALVARENGA, 2009, p.80).

Conforme Alvarenga, os personagens mestiços de LBB possuem essa chamada “característica líquida”, e se movimentam constantemente, ao contrário dos personagens não-mestiços, como a mãe de Corina Mulele, caracterizada pela preguiça e pela estagnação, e Nizuá, toureiro “filho de caçador, nascido e criado na selva” (1978, p.90), africanos que anseiam apenas por permanecer em sua terra. Outro personagem não-mestiço que pode ser citado é o português Foguista, companheiro de viagem de Caúla, que, apesar do movimento em que se encontra, revela o apego à sua terra natal e o desejo de estabilidade e retorno de forma que causa estranhamento aos companheiros:

O Foguista era o homem errado no cargueiro. Português de Cintra, alto e largo de peito, vermelhão na cara, não se entendia porque era um embarcado. Tinha algumas plantas junto ao beliche, num canteiro de madeira, que cuidava como um filho. Molhava-as todos os dias, revolvendo a terra com os dedos e, nos instantes de folga,

levava-as para o sol e o ar puro na coberta. Caúla o observava sem compreende porque um tipo assim, que trabalhava na fornalha, se fazia tão meigo para cuidar das plantas. Aproximou-se uma vez e, vendo-o, o Foguista disse:

- É terra- e repetiu. – Terra de Portugal. (1978, p.105)

Essa relação do Foguista com a terra e as plantas, que pode representar, como já dito, o desejo de retorno e estabilidade, pode ser percebida também no pedido de João Joanes, narrado nos primeiros momentos do romance, quando ele pede a um companheiro de viagem que lhe traga um galho da jindiba. João Joanes, apesar de aventureiro, possui também traços que demonstram a necessidade de fixação, como os períodos em que forma as famílias, no Brasil e em Luanda, e no momento final, em que decide retornar de vez para Ilhéus e estabelecer-se em sua antiga casa, depois de provavelmente ter resolvido suas questões com os traficantes de pedras preciosas. O galho da jindiba, para um personagem “aparentemente sem raízes e nascido para a inconstância” (ALVARENGA, 2009, p.80), poderia ser um símbolo de enraizamento.

Assim que retorna à antiga casa em Ilhéus, João Joanes encontra os filhos, almas gêmeas unidas por amor e por sangue (do filho que luta espera), rumando para o final trágico. É possível que a relação incestuosa retratada na obra possa representar os países “filhos”—Brasil e Angola-- e o país “pai”, Portugal. Caúla e luta, resolvem retornar à antiga casa daquele e se deparam com a presença do pai (dos dois) e avô (do futuro filho). Mais uma vez Portugal, na figura desse pai e avô, surge marcando presença:

E na sala, vindo da cozinha, encontraram o homem, camisa de marinheiro, cachimbo na boca, um pouco surpreso. Luta logo o reconheceu como Vicar, era ele quem estava no retrato ao lado da mãe, o pai. Caúla o identificou com João Joanes, o Sardento. Ali estava o retrato na parede, o pai.

-- Ele é meu pai-- Caúla disse.

-- É meu pai-- luta disse.

(...)

Caúla não conteve a exclamação:

-- Pai dos infernos! (1978, p. 133)

Vale comentar que a jindiba encerra a narrativa acolhendo a todos os personagens ao servir de caixão, como se, no final, tudo se encerrasse nesta árvore. Apesar de toda a luta, de todo o desejo de libertação dos países colônias, é inegável que ainda estão intimamente ligados a Portugal e que as raízes (entenda-se aqui, mais uma vez, a presença constante da jindiba), a língua e a cultura os mantêm unidos.

-- Vamos! - exclamou um dos pescadores. Mulheres surgiram, não muitas, flores dos quintais nas mãos. Debruçaram-se sobre o caixão de jindiba e, dentro, viram o Sardento sozinho, em frente. Abaixo,

lado a lado, Caúla e luta. (..) Pé-de-Vento atrás, a seguir sem pressa, a pensar que deviam pôr um velame. Um velame de saveiro pequeno na canoa que era o caixão, largá-lo em mar alto, João Joanes e Caúla gostariam daquela viagem como bons marinheiros. O negro, pensando, a andar.

E com o velame aberto, fariam novamente a viagem por Luanda, Beira e Bahia. (1978, p. 138-139)

Ainda com relação à jindiba, é interessante destacar as impressões de Macêdo (2002). Para a autora, o texto de Adonias Filho adensa a árvore de simbolismos e a representa como “árvore da vida” e “força da terra” (2002, p. 87), que vê o nascimento de Caúla, a partida de João Joanes e o retorno dos filhos casados, inculcados do incesto e felizes com a chegada do filho e a vida nova no Brasil. A árvore mantém-se forte com o passar do tempo, ligada ao mar, e está presente no desfecho, serrada e escavada a modo de caixão. Segundo Macêdo, “ao desafiar o interdito, Caúla destrói a ‘força da terra’, a paz que reinou” por séculos. (2002, p. 88)

Alega Lourenço que os portugueses inventaram a Lusofonia, e que apenas eles e os franceses criaram oficialmente um vasto espaço linguístico, onde habitam, mais utopicamente que realmente, mas que nunca considerarão perdido. Este espaço linguístico, que sonham ver unido e destinado a reforçar-se mutuamente, a fim de se sentirem menos sós e sejam “visíveis nas sete partidas do mundo” (2001, p. 183), é a Lusofonia, ou a CPLP.

Lusofonia ou Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa só nos devem interessar e implicar por imperativos e sonhos que nunca tiveram outro conteúdo além do de salvaguardar como pequeno povo que sempre fomos- mesmo quando nos víamos grandes- o nosso secular estatuto de nação entre as nações e o mais singular da civilização e da cultura de original perfil que é a nossa. Esse é o nosso combate lusófono, que pra nós mesmos, nem tem nome. (LOURENÇO, 2001, p. 183)

Relata Freixo (2009) que a Lusofonia foi “gestada” por governantes, militares e intelectuais do Brasil e de Portugal e se relaciona ao momento em que este último busca sua reinserção no cenário internacional, quer pelo ingresso na Comunidade europeia, quer pela reaproximação com suas antigas colônias africanas. O autor destaca a CPLP- Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa- criada em 1996, e que entende como “necessário ao projeto político português”. Nesse contexto, nota-se o desejo de reaproximação com os países fundados em seus antigos territórios coloniais, e destaca-se o papel central do Brasil, especialmente no que concerne à participação de intelectuais brasileiros na concepção da proposta de uma comunidade lusófona, por volta

de 1950. No Brasil também foi fundado em 1989 o IILP, Instituto Internacional de Língua Portuguesa, que marcou a participação mais ativa do país na defesa da proposta da Lusofonia.

Conforme Freixo (2009), Portugal é uma nação receosa de um futuro de integração á União Europeia, porque isso pode significar o abandono de uma política secular que incluía várias colônias lusófonas. Ressalta o autor que Portugal se encontrava muito longe da Europa, sendo considerado do continente, e muito perto de suas colônias para ser visto como plenamente europeu. De acordo com Freixo, é essa dúvida que consolida toda a ideia de lusofonia.

Freixo estudou muitos ensaios sobre a Lusofonia. Utilizando obras de teóricos portugueses, pôde descrever um sentimento nacional português evidentemente mitológico, que define como uma “nostalgia do império” (2009, p.164), uma tentativa de Portugal de reverter o processo de descolonização portuguesa:

(Agostinho da Silva) defende a idéia de um Portugal-língua – concretizado por uma “Comunidade Lusófona” como uma espécie de “Quinto Império” revisitado – que deveria cumprir a missão histórica que Portugal-território, por suas limitadas possibilidades atuais, não teria mais condições de cumprir: a de integrar toda a humanidade e construir a fraternidade universal (FREIXO, 2009, p.25).

## 2.1. Biografia de Adonias Filho

Quinto ocupante da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho (A. Aguiar Fo), jornalista, crítico, ensaísta e romancista, nasceu na Fazenda São João, em Ilhéus, BA, em 27 de novembro de 1915, e faleceu na mesma cidade, em 2 de agosto de 1990. Filho de Adonias Aguiar e de Rachel Bastos de Aguiar, fez o curso secundário no Ginásio Ipiranga, em Salvador, concluindo-o em 1934, quando começou a fazer jornalismo. Transferiu-se, em 1936, para o Rio de Janeiro, onde retomou a carreira jornalística.

Adonias Filho faz parte do grupo de escritores que, a partir de 1945, a terceira fase do Modernismo, se inclinaram para um retorno a certas disciplinas formais, preocupados em realizar a sua obra, por um lado, mediante uma redução à pesquisa formal e de linguagem e, por outro, em ampliar sua significação do regional para o universal.

Originário da zona cacaueteira próxima a Ilhéus, interior da Bahia, Adonias Filho retirou desse ambiente o material para a sua obra de ficção, a começar pelo seu romance de estreia, *Os servos da morte*, publicado em 1946. Na obra romanesca aquela realidade serviu-lhe apenas para recriar um mundo carregado de simbolismo, nos episódios e nos personagens, encarnando um sentido trágico da vida e do mundo. Desenvolveu recursos altamente originais e requintados, adaptados à violência interior de seus personagens. É o criador de um mundo trágico e bárbaro, varrido pela violência e mistério e por um sopro de poesia.

### **3. Considerações finais**

Atualmente a Lusofonia é um conceito bastante discutido entre os críticos: alguns defendem que é uma tentativa de Portugal manter seu domínio

de alguma forma, outros concordam que é inegável a existência deste espaço cultural fragmentado, mas reunido pela “argamassa da língua” e cultura herdadas de Portugal. Afora essa discussão, é preciso reconhecer as características lusófonas que se perpetuam nas sociedades emergentes, de maneira mais ou menos consciente.

*Luanda Beira Bahia* pode ser considerado um exemplo de obra lusofônica. Após a análise da obra, observando-se os pressupostos estudados e traçando uma comparação com os fatos históricos que enlaçam Portugal, Brasil, Angola e Moçambique, é perceptível que Adonias Filho buscou realizar na obra o resgate histórico, desde a conquista, representada por João Joanes e suas duas mulheres, até o rompimento sangrento com as colônias, que é exibido em LBB no final trágico em que João mata seus dois filhos, vítimas das circunstâncias que os levaram a cometer um incesto. Todos esses fatores, que podem ser encarados como negativos, são equilibrados pela superioridade portuguesa que Adonias Filho demonstra no desenrolar desse romance, como no enfrentamento do leopardo, por exemplo.

É preciso considerar que ainda há muito o que se discutir sobre a Lusofonia, e que há a necessidade de se traçar um perfil mais claro sobre esse assunto. Porém, aceitando ou não a ideia de Portugal no centro de uma comunidade de povos falantes do Português, e as implicações sociais ou políticas que isso poderia ter, está claro que, assim como é demonstrado em *Luanda Beira Bahia* a herança da colonização portuguesa se apresenta em nós, brasileiros, angolanos e moçambicanos, e se perpetuará em nossa descendência.

## Referências bibliográficas

- ADONIAS FILHO. **Luanda Beira Bahia**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ. 1978
- ALVARENGA, L. **Transitoriedade e Liquidez: o lugar mestiço em Luanda Beira Bahia**. Revista Scripta, nº 25, p. 79-92, Belo Horizonte, MG, 2009  
Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4369/4514>  
Acesso em 28 de julho de 2014
- BAPTISTTA, M. **O conceito de Lusofonia em Eduardo Lourenço: Para além do Multiculturalismo “Pós-Humanista”** Disponível em <http://mariamanuelbaptista.com/pdf/OconceitodeLusofoniaemEL.pdf>
- BOURDON, A. **História Portuguesa**. Editora Texto e Gráfica, Lisboa, Portugal. 2010
- CAHEN, M. **Lusitanidade e lusofonia: considerações conceituais sobre realidades sociais e políticas**. Revista Plural Pluriel - revuedescultures de langue portugaise, nº7, 2010. Disponível em [http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=275:lusitanidade-e-lusofonia-consideracoes-conceituais-sobre-realidades-sociais-e-politicas&catid=77:numero-7-langue-voix-cultures&Itemid=55](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=275:lusitanidade-e-lusofonia-consideracoes-conceituais-sobre-realidades-sociais-e-politicas&catid=77:numero-7-langue-voix-cultures&Itemid=55)  
Acesso em 14 de junho de 2014
- FREIXO, A. **Minha pátria é a língua portuguesa: a construção da ideia de lusofonia em Portugal**. Editora Apicuri. Rio de Janeiro, RJ. 2009
- LOURENÇO, E. **A Nau de Ícaro**. Editora Cia das Letras, São Paulo, SP. 2001
- MACÊDO, T. **Angola e Brasil: estudos comparados**. Editora Arte e Ciência, São Paulo, SP. 2002
- MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa**. Editora Cultrix, São Paulo, SP. 1970
- NASCIMENTO, W.S. **Dizer o “outro”: os debates sobre a política de assimilação colonial portuguesa em Angola (1952-1964)** Revista da Faculdade Eça de Queirós, ano 2, nº 5, março de 2012. Disponível em <http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero05/dizerOutroAngola.pdf>  
Acesso em 30 de junho de 2014.
- RIBEIRO, S. **A Lusofonia – Uma Questão Estratégica Fundamental para Portugal**. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/1198091/A\\_Lusofonia\\_Uma\\_Questao\\_Estrategica\\_Fundamental\\_para\\_Portugal](https://www.academia.edu/1198091/A_Lusofonia_Uma_Questao_Estrategica_Fundamental_para_Portugal) Acesso em 02 de agosto de 2014
- RICARTE, P. **O achamento de Portugal: implicações entre lusofonia e lusotropicalismo na poesia**. Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 04 – Ano II – 10/2013

Disponível

em

<http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-achamento-de-Portugal-implica%C3%A7%C3%B5es-entre-lusofonia-e-lusotropicalismo-na-poesia-Brasil.pdf>

Acesso em 03 de agosto de 2014

• ROSÁRIO, L. **Lusofonia: Cultura ou Ideologia?** In Jornal Notícias de Maputo (Moçambique), Quarta-Feira, 6 de Junho de 2007 Disponível em <http://port.pravda.ru/cplp/mocambique/10-06-2007/17576-lusofonia-2/>

Acesso em 12 de junho de 2014

• SARAIVA, A.J. & LOPES, O. **História da Literatura Portuguesa**. Porto Editora, Porto, Portugal, 2008

• TUTIKIAN, J. **Velhas identidades novas- o pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua Portuguesa**. Editora Sagra Luzzatto, Porto Alegre, RS. 2006